

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Maria Fernandes do Céu

registada em 2009-02-12
por

Joana Ribeiro e Hugo Pereira

Maria Fernandes do Céu

Maria Fernandes do Céu nasceu em 1934, a 15 de Fevereiro, no Tojo. A mãe chamava-se Maria do Céu e o pai José Paulo. Com sete filhos para governar tiveram muito trabalho. Maria foi a terceira filha. Os pais trabalhavam nas terras, na agricultura e disso viviam. Criada numa casa simples, de pedra, levaram uma vida humilde. “Os filhos mais velhos, havendo quem os quisesse, punham-nos a servir, porque já se governavam.” Não havia tempo para brincar pois tinha de tomar conta dos irmãos mais novos, até eles crescerem. Foi para casa de uma tia, no Tojo, guardar-lhe um bebé. Aos 6 anos voltou para a Mourísia e foi criada com os padrinhos, até à idade de casar. Os jogos, como o “cisca barrisca”, eram feitos enquanto guardava o gado, assim como as bonecas que costurava. Maria do Céu nunca fui à escola, nunca a mandaram. “Diziam era que as raparigas nunca deviam saber ler”, para evitar as ilusões com as cartas dos rapazes. Só depois dos 30 anos aprendeu a fazer o nome, com a filha. Foi na Mourísia que conheceu o marido, conheciam-se há muito, de pequenos. Chegada a idade “o namoro foi quase dito e feito”, “tratou-se logo o casamento”. Enquanto estive na aldeia continuou com a vida na agricultura, como sustento. Até que, em 1966, o marido emigrou para a Suécia, e a 1 de Janeiro de 1972, Maria do Céu foi também, para Solvesbörg. Trabalhou numa fábrica de calçado de senhoras, durante dez anos. Após várias viagens, só em 2000 fixaram a residência em Portugal. Regressou à Mourísia, à sua terra, onde nasceu e foi criada. “Cada um, donde é criado, diz que é desejado.”

Índice

Identificação Maria Fernandes do Céu.....	4
Ascendência Maria do Céu e José Paulo.....	4
Casa "Mais quentes que são as de agora".....	5
Infância "Havendo quem os quisesse, punham-nos a servir".....	5
Educação "A desgraça delas era saberem ler".....	11
Religião "Eu sabia muita doutrina".....	11
Namoro "A primeira vez que falou comigo foi diante dos meus pais".....	13
Casamento "Quando eram naqueles dias, enchiam a barriga"	13
Percurso profissional "Governávamos das terras".....	15
Migração "Aqui não é quente, mas lá então...".....	15
Costumes As tradições da aldeia.....	19
Lugar A Mourísia de outros tempos.....	22
Avaliação "Até acho bonito".....	24

Identificação *Maria Fernandes do Céu*



Maria Fernandes do Céu (anos 90)

O meu nome completo é Maria Fernandes do Céu. Nasci na freguesia do Piódão em 1934, a 15 de Fevereiro.

Ascendência *Maria do Céu e José Paulo*

A minha mãe chamava-se Maria do Céu e o meu pai chamava-se José Paulo. Ele era da Fórnea. Veio da Fórnea para o Tojo, porque a minha mãe era do Tojo. Casou lá com ela. Era muito trabalho, muitos filhos para governar. Tiveram sete. Eu era a terceira filha. Depois trabalhavam nas terras, na agricultura. Cultivavam milho, batata, feijão, tinham vinho. Vinho, tinham muito. E disso se vivia.

Casa "Mais quentes que são as de agora"

Era uma casa muito simples, de pedra. Por dentro não tinha as divisões que temos agora. Era tudo em madeira. E eram melhores. Eram mais quentes que são as de agora. Até eram boas. Tinha dois quartos, uma sala e cozinha. Tinha a lareira numa cozinha muito simples. Ali passávamos os serões à volta da lareira. Depois tinha um quarto grande para os filhos. Nesse quarto, faziam uma divisãozinha ao meio e tinha uma cama para um lado, outra para o outro. As raparigas dormiam para um lado e os rapazes dormiam para o outro. E os meus pais tinham outro quarto. Nessa altura, não havia casa de banho. A casa de banho era fora, no quintal. Sei lá como é que tomavam banho! Lavavam-se de qualquer maneira. Punha-se água numa bacia, metiam-se os pés dentro e lavavam-se. Era assim o banho.

A água ia-se buscar à fonte com uns cantarinhos. De Inverno, havia uma fonte mais perto de casa, porque rebentavam mais nascentes. Depois, de Verão, já era mais longe. Mas havia uma fonte noutra casal, mais em frente da casa dos meus pais. Os meus pais viviam numa casa assim sozinha, lá numa encosta. E, depois, havia uns caminhos somenos. Ia-se por ali adiante, ia-se buscar a água à fonte, ao outro casal a seguir. Era quem calhava que ia buscar a água. Era a minha mãe, era o meu pai quando os filhos eram pequenos. E, quando os filhos já podiam, mandavam os filhos. Vinham das fazendas e chegavam a casa já de noite. Um, por exemplo, ia tratar do porco, outro ia tratar das cabras ou das ovelhas, outro ia ainda à fonte buscar água. A mãe fazia o jantar. Fazia a comida se não a tinha feita. E, depois, pela noite dentro, é que se ia para a cama.

Em casa, tínhamos um candeeirito a petróleo. Havia um candeeiro que penduravam, espetavam nas paredes. Naquele tempo, tinham um ganchozinho. Havia um outro que chamavam o candeeiro mocho que era um candeeirito redondo. Tinha uma asinha. Havia um velador de madeira com uma parte por baixo para assentar, uma coisa redonda. E depois tinha o pau para cima e ali tinham aonde pendurar. Mudávamos aquilo de um lado para o outro para onde a gente ia. Iluminavam bem. Não havia coisa melhor para a gente naquele tempo. Se fosse hoje, não se via nada com aquilo. Ai! Uso hoje uma luz tão boa ao pé daquilo.

Infância "Havendo quem os quisesse, punham-nos a servir"

Os meus pais tinham uma vida humilde. Viviam pobres, pobrezinhos todos. Os filhos mais velhos, em princípio e havendo quem os quisesse, punham-nos a servir, porque já se governavam, já não davam despesa em casa. Quando já davam alguma coisa, ao fim do ano ainda traziam algum dinheirito, pouco, que lhe davam os patrões. Assim, iam criando os mais novos. Foi o que me aconteceu depois também a mim. Assisti aos meus dois irmãos mais novos.

"Dizia que eu era a mais inteligente dos meus irmãos"

Eu lembra-me o meu irmão que veio a seguir a mim. Diz que eu já tinha 4 anos quando veio aquele irmão. Ora, se eu tinha 4 anos e os meus dois irmãos mais velhos já estavam a servir, quando ele nasceu, a minha mãe ia para o trabalho e deixava-mo no berço, na sala da casa. E mandava-mo embalar quando ele chorava. Deixava-me em casa e dizia:

- "Olha, embalas o menino. Não o deixes chorar."

E eu já ficava a tomar conta dele e já o embalava. Não tenho ideia. Era tão pequenina que nem me lembra se eu lhe mudava ou punha-o enxuto quando ele fazia chichi, se não. Isso não me lembra. Mas sei que já tomava conta dele e a minha mãe já ia. Já confiava em mim. Dizia que eu era a mais inteligente dos meus irmãos, que os que os outros se esqueciam. Eu realmente não deixava chorar o menino.

A seguir àquele irmão, veio outro. Não me lembra o tempo que foi. Não me lembra, porque esse rapaz depois morreu com 7 anos e não tenho ideia nenhuma da minha mãe me contar que diferença ele tinha do meu irmão que tinha diferença de mim de quatro anos. Então, eu já ficava com os dois em casa, com o de 4 que nasceu a seguir a mim mais o outro que veio mais novo.

"Uma fogueirona grande"

Quando era ao meio-dia, a horas de almoço - a gente naquele tempo dizia que era o jantar -, a minha mãe dava-nos comer, ia com o meu pai para a fazenda e só vinham à noite. E nós ficávamos ali em casa. Deixava-nos o lume aceso e tudo. Nós até podíamos morrer queimados lá com a lareira acesa. E eu lá ficava a tomar conta dos meus irmãos. Embalava o mais novo e o maiorzito já andava de pé. Houve uma vez que eu estava na sala a tomar conta do mais novo,

a embalá-lo, e o outro maiorzito foi à cozinha. Estava o lume aceso. Ele chegou à sala e disse-me assim:

- "Ó Maria, anda cá depressa se queres ver uma fogueirona tão grande que eu fiz!"

Já ia uma chama muito alta. Os meus pais tinham um forno onde coziam o pão ao lado da casa. E tinham um costume: traziam aquela lenha a todo o comprimento – e eram muito compridas, altas - para aquecer o forno e para acender o lume na cozinha. O melhor foi que aquilo não era forrado por cima em madeira como era o resto da casa. De baixo para cima era em madeira, mas na cozinha tinha por cima esta coisa de laje, de pedra. Ora, o miúdo foi, viu lá a lenha assim no canto - chamávamos o canto - acendeu qualquer coisa à lareira. Pôs-lhe lume e aquilo acendeu para cima. Começou tudo a arder. E eu, pequenina como era, cheguei lá:

- Que é que eu faço a isto? Agora, lança-se lume à casa!

Pensei eu. Mas fui por baixo, deitei as mãos aos troços da lenha, deitei para a lareira de pedra aquelas pontas que estavam a arder em cima e pu-la a arder. Depois, para se apagarem os troços por cima, eu ia-os chegando para o lume para modo de arderem. E eu com medo, porque tinha barrotes de madeira por cima e podiam começar a arder. Quando vieram os meus pais, eu disse:

- Ai! Olhe, o Artur acendeu o lume aqui à lenha!

- "Então, e que é que tu fizeste?"

- Olhe, deitei-a na loja. Deitei-a para baixo e depois ia-o atizando. Conforme ela se queimava, ia-a chegando para diante, para a fogueira e ela queimou.

- "Ai! Pois podiam aqui ter morrido queimados! Podia-se ter queimado a casa e eles ficavam aqui também queimados. Não se pode assim deixar a lenha."

Daí para a frente, já não deixavam lá a lenha "pia cima"¹. Quando traziam lá para o canto, já a deixavam cortada.

"Um dia, pôs-me na rua"

Tempo para brincar não havia. O tempo para brincar era eu a tomar conta dos meus irmãos. E a seguir, quando eles eram maiorezinhos, ainda havia o outro mais novo. Já levavam os outros para o campo. Depois, mandaram-me para casa de uma irmã da minha mãe guardar-lhe também um bebé.

O meu pai tinha-me obrigado a ir para lá, porque eu não queria ir. Eu era pequenina... Queria-me era de volta da minha mãe. Sempre. Só andava bem ao pé da minha mãe. Não queria ir para casa dos meus tios nem por nada. E ele

¹por aí cima

obrigou-me. Um dia, fechou-me a porta. Pôs-me na rua. Ou eu ia para casa da tia ou então que me batia. Fui para o fundo da casa dos meus pais. Havia uma pedra, uma rocha lisa no caminho. Passando por ali a baixo, dei-me lá. Estive lá todo o dia. Toda a tarde. Isto foi depois de almoço. Os meus pais foram para a fazenda, vieram, escureceu e eu estava lá deitada. Fizem de contas que não sabiam de nada. Mas depois, como escureceu, eu estava cheia de medo. Estava perto da casa dos meus pais, mas mesmo assim tinha medo. Pensava:

- Agora, deixam-me aqui de noite e vem cá os lobos e comem-me.

Depois foi lá um dos meus irmãos. Era esse irmão de quatro anos de diferença. Disse-me assim:

- "Olha que o pai disse que fosses para casa da tia, senão que ele que vem cá e que te bate com a correia!"

Era o cinto que usava nas calças. Eu continuei, deixei-me lá estar. Depois fui lá o meu pai. Queria que eu fosse para casa dos meus tios. Eu chorava. Então, que me pusesse a andar para casa, pois era de noite. Não fui. Lá voltei para casa, mas depois, mais tarde, fez-me ir para lá.

"Uns degraus altos para as minhas pernitas tão pequeninas"

Um dia, o meu tio andava na eira onde malhavam o centeio. Andavam muitos homens a malhar. E a minha tia deixou-me sozinha em casa com o menino. Pequenina. O que é que eu faço? Queria ir para casa dos meus tios que eram os pais do tio e da tia onde eu estava, que andavam esse dia a malhar o centeio na eira. Ponho o menino no berço. Tinha um pequeno patamarzinho à soleira da porta. Agarrei-lhe no berço, pus em cima daquele patamarzinho, fechei a porta. Nessa altura, punham a chave ao lado e fui por o outro lado. Fiz uma rodilhita, pus à cabeça, peguei no berço do menino com os dois braços levantados e fui a segurá-lo por ali fora. Eu não rompia os sapatos. Andava descalça sempre. Mas não fui para a casa donde iam almoçar os malhadores. Fui ter à eira onde eles andavam. Só que para ir para lá tinha duas entradas: um caminho por um lado da eira, donde eu vinha, e outro. Eu vou por um caminho, mas chego lá, eram uns degraus altos para as minhas pernitas tão pequeninas. Eu queria subir mas os meus pés não chegavam ao cimo do degrau. Não conseguiam.

- Ora, agora não consigo. Tenho que voltar para trás.

Mas depois pensei:

- Ai, mas há um caminho por o outro lado e por lá não tem degraus.

Era uma vereda por ali acima. Lá vou eu por ali fora. Apareço em cima na entrada da eira. O meu tio andava do outro lado de frente com o mangual.

Chamávamos manguais com que andavam a malhar ali. Viu-me lá, atirou com o mangual:

- "Ai, marota! Vinhas para aqui com o menino! Podias-lhe ter vindo matar ao caminho. Como é que tu te aviste para trazer o menino?"

Foi-me tirar o berço da cabeça e foi-me pôr lá longe, onde não chegasse a poeira da pá, para eu o embanar. E lá fui. Depois, levaram-mo para casa, lá para casa da família donde foram almoçar. Lá estive todo o dia.

"Já exploravam duma criança"

Depois, que é que me acontece? Eu era tão pequenina, mas tinha que trabalhar já! A minha tia de manhã ia ao mato. Roçar mato era: tinha-se uma corda, uma roçadeira ou um podão, que havia naquele tempo e agora também há. O menino ficava a dormir e a minha tia levava-me de manhã com ela. E no caminho, na encosta, lá mais perto, fazia-me um "vassoirito" e punha-me às costas. Mas que molho é que eu trazia com aquela idade? Mesmo assim até isso já exploravam duma criança. Ela tinha só uma cabrita e tinha as ovelhas. Lá levava o mato para as mais e eu já levava para a cabrita que era só uma. Depois mandava-me lá ir pôr à porta do curral e eu ia lá pô-lo. Então, ia tomar conta do menino, que era as ordens que tinha quando ele acordava.

Houve um dia que ela não esperou por mim. Estava com pressa, chamou-me e disse-me onde é que eu havia de ir ter. Eu já sabia para ir lá ter. Era onde ia aos outros dias. Mas ela chamou-me, deixou-me na cama e eu adormeci. Adormeci, não me lembrou mais, não acordei, não fui lá ter. Ela chegou a casa, zangou-se comigo e mandou-me embora. Diz que o menino estava a chorar, que estava estafado com o chorar e que nem fui buscar o molho de mato nem tomei conta dele. Juntou-me os vestiditos que eu tinha e pôs-mos num saquito. Até era grande para mim.

Quando a minha tia me mandou embora, cheguei a casa a chorar, porque ainda tinha medo que o meu pai me batia. Era uma criança. Tinha adormecido. Mandaram-me embora, mas eu sabia que o meu pai queria que eu que estivesse lá. Mas, como ela me tinha mandado embora, lá escapei. Não me bateram.

"Aqui me criei pequenita"

Estive um tempo lá em casa. Depois tinha aqui os meus padrinhos na Mourísia e eles já queriam que eu tivesse vindo para cá antes. Mas, como eu era pequenita, a minha mãe vinha para me cá deixar e eu ia atrás dela a chorar. Ela,

às vezes, ia e a minha madrinha segurava-me. Eu chorava tanto que a minha mãe estava a ouvir e ainda lá voltava. E lá ia com ela. Mas depois de vir de casa da outra minha tia lá no Tojo, vim para cá. Vim com 6 anos. E então foi cá que me começaram a cair os dentes da mama. Começaram-me a cair os dentitos. Aqui me criei pequenita. Fui criada com os meus padrinhos até à idade de me casar.

Só me lembra de brincar aqui na Mourísia, apesar de trabalhar muito e ter uma vida um pouco triste, porque tinha saudades da minha mãe. Achava que a minha mãe, se eu vivesse com ela, me dava mais carinho. Mas eles queriam que eu estivesse aqui, que tinham os meus irmãos mais novos para criar. E por vezes até vivia triste, mas ao mesmo tempo havia muita gente e íamos ao mato todos. A juventude, uns mais crescidos, outros mais pequenos, tudo trabalhava logo de pequenito. Se eu aos 5, 6 anos já tinha que ir ao mato, continuei sempre assim. Em princípio, ia a minha madrinha comigo para me ensinar a roçar o mato. E eu ia assim a pô-lo de maneira que se pudesse atar nos feixes. Depois, mandava-me com as colegas mais pequenas, já mais crescidas que eu, para elas me ugarem, me porem na corda e me atarem o molho, que isso eu não sabia. E elas iam-me ensinando eu fui aprendendo com elas.

Como naquela infância havia aí muita gente, nós vivíamos alegres era quando nos juntávamos. Íamos para o mato, íamos juntos. Íamos, às vezes, para a lenha, juntávamo-nos. Quando era para o gado, também havia muita rapaziada. Cada um ia com o seu rebanho e andámos assim perto. A vida melhor que eu achava para mim era essa. Falávamos muito. Sempre convivía. De resto, era só trabalhar.

Quando andávamos com o gado, uns andavam a agarrar, outros fugiam. Chamavam-no à cisca barrisca. Punha-se uma pedra numa mão e os outros iam todos bater lá na mão. Caçavam as duas mãos fechadas. Batiam numa. Se era na que tinha a pedra, era a agarrar os outros. E se era na que não tinha nada, era a fugir. E, depois, um andava a agarrar e os outros andavam a fugir. Até que se agarravam. Deixavam-se todos agarrar. E iam para outras brincadeiras.

Nunca tive brinquedo nenhum. Quando era mais crescida, que andava a guardar o gado, é que fazia umas bonecas. Já era crescida, lembra-me que disse para a minha mãe que nunca aprendia a fazer nada, que só me ensinavam a roçar mato e a carregar lenha e estrume das lojas dos animais para as fazendas. Era tudo às costas da gente, pequenitos. Era cada carrego que nem me podia mexer debaixo. Digo assim à minha mãe:

- Olhe que não me governo só de roçar mato, de guardar gado e de trabalhar no campo. Também preciso de aprender outras coisas, porque eu um dia não me governo só disso. Eu não sei pegar numa agulha, não sei coser, não posso fazer nada. Não me deixam fazer nada, que eu que lhe estrago as linhas, que as linhas que são caras e isto e aquilo...

Só se fosse em casa, às fugidas. Então, a minha mãe falou com a minha madrinha e disse-lhe que eu que lhe tinha dito que não me governava só do trabalho que fazia. Um dia precisava de fazer mais algumas coisas e de saber fazer as coisas de casa. E que eu que tinha razão. Depois ela comprou-me um cestozito pequenino e lá me deu as linhas para eu trazer no cesto. Então, eu ia guardar o gado e já fazia umas bonecas com as minhas colegas. Fazíamos umas bonequitas de pano para nos entretermos. Não eram bonecas como agora, como as que se compram, que se vê. Era umas coisitas pequeninas. Depois que se faziam os bracitos, fazia-se os vestiditos com umas coisitas pequenitas de pano. Depois enchia-se por dentro uma bolazinha e ali estava a cara.

De vez em quando, ia aos meus pais. Ia ao Tojo uma vez por ano, à festa. Quando também era da matança do porco, vinha-me cá uns dos meus irmãos chamar para lá ir. E, se era preciso, às vezes, dar algum recado para eles, os meus padrinhos lá mandavam que era preciso. De resto, eles é que passavam por cá de vez em quando.

Educação "*A desgraça delas era saberem ler*"

Nunca fui à escola. Não havia. Era longe. Mesmo assim, já mandavam alguns para a escola, mas a mim nunca me mandaram. Os meus pais não mandaram e aqui os meus padrinhos também não. O que eles diziam era que as raparigas nunca deviam saber ler. Diz que a desgraça delas era saberem ler. Diz que os rapazes depois começavam-lhe a escrever cartas, que elas começavam-se a iludir e que os rapazes que as enganavam. E não sabendo ler que já não escreviam as cartas. Já não respondiam aos rapazes.

Sei assinar mal, mas aprendi. Já tinha 30 e tal anos quando aprendi a fazer o meu nome. Foi quando veio o Bilhete de Identidade para assinar. Nessa altura é que eu aprendi a escrever mal. Aprendi com a minha filha. Até foi ela que me ensinou. Ainda assim, eu já sabia as letras. Conhecia mais ou menos a letra de imprensa nos livros. Depois ela dizia-me:

- "Um «A», um «M», o «I»."

Por aí fora... E eu escrevia. Mas escrevo mal.

Religião "*Eu sabia muita doutrina*"

A doutrina era o meu padrinho que me ensinava. Chamava-se Albino Paulo. Naquele tempo, ele ensinava aí os meninos todos da terra. Era ele que sabia, porque ajudava à missa e era muito religioso. E os pais dos miúdos não sabiam

como ele sabia. Depois os pais que tinham os filhos, mandavam-nos lá ir para ele lhes ensinar. E ele ensinava muito bem. Quando o padre vinha cá, mandavam-me lá ir. Diziam que o padre examinava as crianças, a ver se eles sabiam ou não antes de irem confessar. Ele perguntava-me e via que eu que sabia tudo.

Até houve uma vez que o meu pai, quando foi por a festa no Tojo, disse ao padre lá da freguesia do Piódão para ele me examinar:

- "Eu gostava que o senhor prior examinasse a minha Maria, porque ela está a servir e eu não sei se ela sabe a doutrina, se não."

Eu não precisava, que eu estava na Mourísia. Era aqui que eu ia à missa e se faziam todos os actos religiosos que era preciso. Mas o meu pai, orgulhoso de saber que eu sabia muita doutrina, mandou-me lá ir para em modo do padre ver que eu sabia. Ele começou-me a procurar e eu respondi a tudo que ele perguntou.

- "Ai, ela sabe muito! Não precisa de saber mais."

Não havia cá missa naquele tempo. Íamos à missa a Pomares. Não sei ao certo quanto tempo era, mas era a andar bem. A gente não íamos à missa todos os domingos, que era longe. Só quando havia festas é que lá íamos. Também íamos aqui à Moura da Serra. Havia ali capelania, naquele tempo. Vinha ali um padre dizer a missa. Primeiro era de Avô. De 15 em 15 dias era o de Avô e de 15 em 15 dias era o de Pomares. Já pensavam em criar lá a freguesia, vinham ali dizer a missa aos domingos. E a gente íamos àquela missa que era mais perto.



Inácio Gonçalves e Maria Fernandes do Céu (Mourísia, 1956)

Namoro "A primeira vez que falou comigo foi diante dos meus pais"

Foi na Mourísia que conheci o meu marido. Conhecêramos, porque éramos cá da mesma terra. Já nos conhecíamos de há muito, pequenos. Depois chegou à idade, calhou. Ele quis e eu também. Foi ele que pediu namoro a mim. Eu não calhei de pedir namoro a ele. Nem que fosse hoje. Quanto mais naquele tempo. A primeira vez que ele falou comigo foi diante dos meus pais, na casa deles. Os meus pais já estavam aqui. Vieram para aqui morar. O meu pai comprou cá umas terras, vendeu o que tinha lá e mudou para cá. Fui morar com os meus pais, mas depois casei-me logo. O namoro foi quase dito e feito. Não tivéramos namoro. Tratou-se logo o casamento.



Inácio Gonçalves e Maria Fernandes do Céu (Mourísia, anos 80)

Casamento "Quando eram naqueles dias, enchiam a barriga"

O casamento não foi nada especial. Foi aqui na terra. Casáramos aqui na capela da Mourísia. É que foi a cerimónia. Naquele tempo, cá ainda se não usava ir de branco. Ia vestida assim uma cor cinzento claro. Era como a gente usava o traje. Os convidados eram a família toda do lado do meu marido e do lado dos meus pais, tios, primos... Ah, vinha a família toda. A festa era cá em casa

naquele tempo. Foi o almoço na casa dos meus pais e o jantar na casa dos pais do meu marido. Comíamos as comidas que sabiam fazer as pessoas. Matavam umas cabras, umas ovelhas e assavam nos fornos a lenha. Era a chanfana com fatura. E depois fazia-se o arroz-doce, tigelada, as filhós, que é os coscoréis... Havia essas coisas assim. Fazia-se muitas comidas.

Cada um faz à sua maneira. Chanfana, eu penso que é ovelha, carne de ovelha. Mas também não tenho a certeza se é ovelha, se é a cabra. Primeiro fazia-se no forno a lenha. Agora a gente já nem usa. Faz em casa. Os temperos, é difícil dizer. Cada um põe à sua maneira. O resto era a carne assada com as batatas. Ah, havia o arroz de fressura. O arroz de fressura nos casamentos e nas festas também é uma iguaria que se usa muito cá. É o sangue que se coze depois de coalhar. Coze-se aquilo antes do arroz. Senão, depois o arroz não se queria cozido. Está cozida, corta-se a fressura miudinha, à maneira, e o sangue também aos quadradinhos pequeninos. Faz-se um refogadinho. Mistura-se ali tudo com os temperos bem temperado. E depois mistura-se no arroz quando o arroz está quase cozido. Fica bom. É o arroz de fressura. Já não me lembra que mais era. Bastava que havia muita chanfana ou outra carne do mesmo género. Era a coisa melhor que comiam. E comiam poucas vezes. Quando eram naqueles dias, enchiam a barriga.



Inácio Gonçalves e Maria Fernandes do Céu (Suécia, 1972)

Percorso profissional "*Governávamos das terras*"

Depois do casamento, continuei com a mesma vida do campo, da agricultura. Era o nosso sustento. Governávamos das terras. Trabalhava no campo, em todos os trabalhos. Ia-se ao mato todos os dias como dantes. Era estrumar as terras para elas darem. Tinham-se umas cabritas, umas ovelhas, um porco, umas galinhas. E, depois, ainda buscar a água lá em baixo para casa, para se gastar em casa, para eu tratar do porco. Eu deitava um cântaro de água para a ferrada do porco cada vez que ia-lhe deitar a refeição dele. Era a agricultura e era em casa. Os cantarinhos da água que eu tinha que ir buscar durante o dia. E, às vezes, já de noite para tratar dos animaizitos todos que tinha, fazer a comida e a lida de casa e tudo isso. Mexia tudo por fora e depois tinha de chegar a casa e fazer tudo isso. Foi sempre uma vida de muito trabalho.

Migração "*Aqui não é quente, mas lá então...*"

Estivéramos cá sempre. Depois meu marido emigrou, em 1966, para a Suécia. Eu só fui mais tarde, em 1972. Cheguei à Suécia o dia 1 de Janeiro de 1972.

O meu marido já lá tinha estado quatro anos. Depois tinha cá vindo estar um ano. Eu estava cá com os meus dois filhos. Passava o tempo depressa aí a trabalhar. Tinha muito que fazer. Não tinha tempo de pensar noutra coisa. Ainda escrevi algumas cartas para o meu marido. Tinha cá quem mas fizesse em casa, uma pessoa de família que soubesse ler. Era o meu sogro que me escrevia. Senão, ainda tinha que pedir a quem mas fizesse.

Os meus filhos andaram na escola e depois o mais novo saiu na quarta classe, e já não quis estudar mais. Então, o pai resolveu a levar-nos para lá, para ele lá continuar a estudar.

Chamavam lá Solvesborg. É a cidade. Era muito frio, muito frio. Nas casas, a gente não tinha frio, tinham aquecimento. Tinha sempre água quente. Abria-se a torneira, saía água quente sempre. Mas quando se saía à rua, de manhã, ali as máquinas andavam a limpar as estradas, mas mesmo assim estava a nevar, a nevar... Era a gente a pôr os pés de cima da neve e ela a estalar debaixo dos pés. E então assim dos lados da cara que ia destapada? O resto a gente tapava, mas na cara parecia que até se cortava a pele com tanto frio. Aqui na aldeia não é quente, mas lá então... Tive que me adaptar.



Maria Fernandes do Céu (Suécia, 1972)

"Protegida pelos colegas e pelos sindicatos"

Trabalhava numa fábrica de calçado de senhoras. Todo o Inverno, a gente ia para a fábrica. Saía de casa de noite e entrava em casa de noite. Eu quando estava na fábrica, ah, estava tudo iluminado, estava claro, estava-se lá bem. Mas depois, quando se saía, era uma escuridão! Tudo escuro na rua. Não se via a luz do dia durante o dia. Trabalhava poucas horas, mas os dias eram pequeninos... Depois, quando vinha o mês de Janeiro, que entrava o Ano Novo, começavam a crescer os dias e cresciam muito depressa lá. Quando era em Janeiro, já se vinha com sol. Era uma alegria.

A gente não tinha tempo de falar com os suecos. Quem sabe falar, ganha assim mais conhecimento, mais convivência. Mas eu não sabia falar, não sabia ler. A gente desenrascava-se. Às vezes, não era muito bem para me desenrascar no trabalho. Bem, mas os colegas sabiam e eram muito bons. As colegas eram muito boas para mim. A gente habituava-se e depois já aprendia com elas. Elas diziam-me como era e eu aprendia. Mas não dava para falar assim muito por

fora, para qualquer pessoa. O meu marido e a minha filha é que iam às compras. Depois, ela foi-se embora. Fiquei com o meu marido. Mas também tinha lá o meu filho. Então, quando era preciso assim alguma coisa que eu não me desenrascava, ele ia comigo para traduzir.

Fui muito ajudada lá dentro da fábrica e tudo. Trataram-nos logo dos papéis para fazermos descontos quando a gente foi para lá. A gente começou logo a descontar. Havia pessoas que iam para lá e depois vinham-se embora e não tinham direito a nada. Nós, como não sabíamos falar, tivemos a ajuda da minha filha. Começou primeiro lá a trabalhar, mas ela sabia ler e escrever. Desenrascava-se melhor. Os sindicatos vieram logo ter com ela e arranjaram-lhe logo os papéis para entrar para o sindicato. E depois comigo fizeram o mesmo. Então, tínhamos as regalias que tinha qualquer cidadão de lá. Tinha essas coisas tudo em dia. Os sindicatos sabiam que a gente não sabia falar e diziam que os de lá que se sabiam desenrascar e a gente não. Então, diziam que, se a gente precisasse, chegasse ao pé deles, dissesse que tinha uma dificuldade, que não podia trabalhar neste lugar, que tinha este problema ou aquele e eles mudavam a gente. Iam logo falar com os patrões e mudavam a gente para outro lugar. Fizeram-me isso algumas vezes.

É difícil agora dizer o que fiz na fábrica, porque é muitos trabalhos. Eu só sei dizer que trabalhei em todos os trabalhos que eram feitos lá naquela fábrica. Fazia qualquer trabalho por não saber ler. Mesmo assim aprendi muito lá. Aprendi a letra assim redonda, de imprensa, com as listazinhas que acompanhavam os trabalhos que se faziam. Era umas caixas plásticas que levavam os materiais. Um levavam o forro das botas, outras levavam as botas e a gente punha os forros. De fora, tinha os forros para pôr dentro da bota. E depois levavam uma listazinha a acompanhar. Eu via as listas que era. Começava por 0, 1, 2, 3, por ali fora e escrevia no livro todos os pares que a gente fazia. Tínhamos um livrinho de controle, que ia para o escritório. Cada serviço que fazia escrevia-se ali e eles sabiam o que a gente fazia. Tinha um encarregado para ver como é que se fazia a primeira vez. Via como é que estava a listra escrita naqueles papezinhos e escrevia aqueles números todos ali no livro. Escrevia os pares que eram, tudo. Se fosse outro trabalho, era a mesma coisa. Aprendi muito com essas coisas.

E eu digo que trabalhei em todos os trabalhos lá, porque era assim: um dia faltava uma senhora no lugar dela. O encarregado vinha:

- "Maria, "komme"!"

"Komme", vem comigo. Eu ia. Chegava àquele lugar e ele mostrava-me aquele trabalho. Fazia um par ou dois assim para eu ver. Era só isso que era preciso. Depois começava eu a fazer. Ele olhava para mim:

- "Det är bra, det är bra!"

Quer dizer: está bom. Ia-se embora e eu ficava ali. Podia estar ali uma semana ou duas. Eu era uma pessoa daquelas que andava a substituir os que faltavam. Os que estavam doentes, ficavam de baixa ou por qualquer motivo não vinham um dia só. Faltava outra pessoa noutro lado, ia substituir lá até ela voltar. E era assim. Não havia lá trabalho nenhum que eu não fizesse. Até nas máquinas de prensar e de cortar as botas e os sapatos eu trabalhei por nunca ter ido à escola e não saber escrever.

Depois pagavam um acordo. Chamavam-lhe acordo: 1 coroa ou 2 a mais à hora por os trabalhos que a gente fazia. Quanto mais fizesse, mas ganhava. Se fizesse pouco, ganhava o ordenado e não pagavam mais nada.

Graças a Deus, não me tratavam mal na fábrica. Mas eu só trabalhei uns dez anos. E chegou. Foi até me fartar. Já não podia trabalhar mais. Reformaram-me por invalidez. Saí de lá, porque estava de baixa. Os do sindicato lá da fábrica marcaram-me uma consulta médica quando eu disse que me despedia, que me vinha embora. Estava doente, não podia trabalhar mais, não conseguia. Então, o sindicato disse a uma senhora para ela telefonar para o centro de saúde, para me marcarem uma consulta e para ela ir comigo ao médico. Ela pertencia ao sindicato e foi para falar por mim. Ela percebia tudo o que eu dizia, ajudava-me e pediu-lhe para me dar baixa. Senão, os médicos não me davam. Se fosse eu, ia para o médico, o médico não percebia. Deu-me logo baixa. Depois comecei a andar de baixa até me mandaram para o desemprego. Mas eles sabiam e viam que eu não podia trabalhar. Reformaram-me.

"Começámos a andar cá e lá"

Mais tarde, quando o meu filho começou a trabalhar e eu deixei de trabalhar, mudei de cidade. O meu filho saiu de casa aos 21 anos. Já estava formado. Deixou de estudar e foi para outra cidade aonde arranjou trabalho. Como eu já não trabalhava e o meu marido também não, estávamos já reformados, pensáramos em mudar lá para onde ele estava a trabalhar, para estarmos mais perto dele. Alugáramos lá um andar. Na altura, até fui estar mesmo ao lado dele. Apareceu-nos o apartamento logo a seguir a ele. Calháramos lá alugar. Estava ele num lado e nós doutro. Víamo-nos uns aos outros das varandas. Depois, quando também se casou, ele mudou. Arranjou outra casa noutro lado, mas também estava perto.

De 1972 até 1984, estive sempre na Suécia. Só cá vim quando a minha filha se casou. Foi casar cá a Portugal. Depois vinha cá e ia-me outra vez. Mas, desde 1984, vinha todos os anos. Ia lá passar o Inverno e vinha no Verão. Até estávamos já cá mais tempo. Estávamos cá aos três anos. Mas depois era preciso lá pôr o visto de residência de três em três anos. Era preciso renovar. Mandavam para

a gente assinar. Então, de três em três anos, eu ia mais o meu marido à Polícia assinar aquilo. Fazia de contas que estávamos lá então. E, durante aquele tempo, só de três em três anos é que tínhamos que lá aparecer. Começáramos a andar cá e lá, cá e lá e depois mudáramos a residência cá para Portugal em 2000. Agora é que temos cá estado efectivos. Nunca mais lá fui.

Costumes *As tradições da aldeia*

"Não queimavam o gato"

Não tenho grande ideia do São João. Mas lembra-me que era aqui num solheiro, à frente da minha casa, que levantavam o pinheiro do gato. Os homens traziam para ali um pinheiro muito grande. Começavam todos naquela encosta com uma espécie de umas forquilhas no pinheiro. Iam levantando, levantando lá naquela altura para cima. Então, o pinheiro tinha que estar cheio de palha e depois botavam-lhe o lume à palha cá no fundo e ela ardia "pia cima"². Chegava ao cimo, uma corda de palha de colmo estava a atar um cântaro com um gato. Não queimavam o gato. Queimava-se a palha e o cântaro caía para o chão. O gato caía e fugia. O que dava alegria era quando o cântaro caía no chão, se partia e o gato fugia. Tinha que fugir no meio daquela palha a arder no chão. Começavam todos a bater-lhe as palmas, a fazer barulho. Deviam arranjar aí o gato mais manso que encontrassem, que se agarrava. É que os bravos não se deixavam agarrar. Parvos eram eles! Era quando havia muita gente aí. Agora já há muitos anos que não fazem. Já quase que nem lembra isso.

A festa de Agosto

A festa aqui é em Agosto. Mas no tempo em que eu cá vivi, quando era pequena, não havia festas. Só vinha cá o padre dizer a missa da festa uma vez por ano e nada mais. Era o dia 3 de Maio. Talvez fizessem baile, mas música não havia. Já nem tenho ideia. Já passou tanto tempo e eu agora estou muito esquecida.

Mais tarde, já eu estava casada, mudaram a festa de Maio para o mês de Agosto e continua a ser em Agosto. Depois é que começaram a fazer aí a festa da Senhora da Assunção. Agora é que têm feito alguns anos a procissão. Para arranjam os andores e os santinhos e tudo, há organização. As senhoras que

²por aí cima

podem, vão tomar conta do seu andar. Mas eu não tenho lá ido ver. Só sei que eles vão bonitos.

"Fartávamo-nos de desfolhar milho"

Lembro da debulha do milho. Apanhei tanto frio às minhas pernas a malhar. Ali com as pernas enterradas no milho frio, quando estava frio. Depois fartávamo-nos de desfolhar milho. Era todas as noites. Como os meus pais tinham muito, nós íamos ajudar todos os dias. Todos os dias eles tinham que fazer. Um dia era descamisar, outro dia era malhar e fazer as malhas do milho a debulhar. Quando chegava ao nosso dia, eles tinham o deles para fazer sempre. Tinham tanto, tinham tantas terras. Tínhamos que fazer o nosso sozinhos. As famílias ajudavam, mas o problema era que os meus pais todos os dias tinham ou para debulhar ou para escarapelar. Só às vezes, quando era o nosso dia, eles lá acabavam o deles primeiro e depois é que ainda iam ajudar a gente para não estarmos sozinhos.

Depois, quando estavam a desfolhar e aparecia uma espiga preta, era uma alegria! Costumavam a andar com ela a dar abraços uns aos outros.

Um magusto na rua

Depois vinha o Dia de Todos-os-Santos. Quando havia muita gente, às vezes, havia anos que se ajuntavam. Faziam um magusto aí na rua. Quando é assim, todos se ajudam. Os que têm castanhas, todos dão. Quem não tem, ajuda a comer as que outros trazem. Era um dia de alegria.

Um porco para todo o ano

Eu, quando cá estive, matei porco todos os anos. O que a gente fazia para o governo da casa durante o ano era aquela carne salgadinha na salgadeira. Distinguia-se. Era melhor que agora.

A matança era conforme. Uns faziam no mês de Novembro, outros era em Dezembro. Os mais ricos - diziam que eram ricos, porque tinham mais terras mas, coitados, eram ricos de trabalho - já costumavam matar no fim do mês de Janeiro para matarem uns porcos mais valentes que os mais pobres. Tinham os porcos melhores, mais gordos, maiores, mais bem tratados. Quem tinha menos que lhe dar começava a matá-los mais cedo. Naquele tempo, a gente apanhava os milhos que amadureciam nos campos e os nabos e dava aos porcos. Ficava com

as hortaliças. Depois, quem tinha mais para os governar tinha-os mais tempo. Quem tinha menos e se lhe acabava, em não tendo que lhe dar, matava-os. É que demorava um ano inteiro a criar um porco. Ainda a gente tinha um na loja, comprava-os pequeninos. Tínhamos o que era para matar e comprávamos ainda um leitãozito. A gente começava a criá-lo com os restos das comidas que a gente fazia em casa, das hortaliças, dos legumes, das batatas. Era todo o ano a tratar dele.

No dia da matança, juntava-se a família. Começava o dia de manhã a fazer-se o almoço. Depois vinham uns homens para modo de matar o porco. As mulheres faziam o almoço. Então, almoçavam todos juntos.

As mulheres da família iam ajudar umas às outras a lavar as tripas. Depois vinha-se para casa e começava-se a atar as chouriças com aqueles cordõezinhos que já se andavam a fazer há mais tempo para dar-lhe os nozinhos nas pontas e aquilo não escapar.

À noite, desmanchava-se o porco e começava-se a cortar aquela carninha que era para as chouriças. Para se temperar, também se costumavam juntar as mulheres, as senhoras da família, para modo de ajudar umas às outras. A seguir, para se encher as chouriças, também se fazia um jantarezinho.

Eu fazia as chouriças à minha maneira. Cada um fazia à sua ou como aprendíamos com as nossas mães. A gente via de pequeno como eles faziam. Diziam-nos o que é que a gente havia de pôr e começava-se a fazer. Dali em diante, fazíamos por nós mesmos. Se a gente ainda não sabia, procurava. Eu cortava a carne e punha-lhe aqueles temperozinhos que davam gosto. Depois mexia-se ali a carne bem mexida. Deixámo-la ficar de um dia para o outro para estar a tomar o gosto de tempero. Ao outro dia, é que se começava a encher as chouriças com a enchedeira que se enfiava na boca da chouriça. Às vezes, ainda tomavam vento na ponta e era preciso picá-las com uma agulha para ficar aquela carne bem apertadinha uma na outra. Depois, pendurávamos lá no fumeiro. Ficava a pingar e a gente a fazer o comer por baixo, à lareira, numas panelas de ferro. Secavam conforme o calor que se fazia por baixo. Se apanhavam muito calor, secavam depressa. Quando acendiam o lume na lareira, enxugavam logo, no mesmo dia quase. Mas quem tinha uma chaminé para tirar o fumo custava mais, porque saía o calor para fora. Eu, por exemplo, tinha uma chaminezita. Custava-me a secar as chouriças assim, que elas levavam mais tempo a enxugar. Eu, por acaso, tinha todo o ano. Quando matava o porco, ainda tinha chouriças. Punha-as no azeite, numas talhas.

Do tempo em que havia bailes

Lembra-me do tempo que havia bailes. Chegou a haver dois bailes nesta terra. Fizeram dois partidos e dançavam muito naquele tempo, que havia aí muita juventude. No tempo do Carnaval, era quando dançavam mais. Era todos os dias. Era um rancho. De noite faziam-no aí encostados às casas e de dia faziam na rua. Aqui à minha frente, dançaram muito com uma harmónica e uma guitarra.

Mas eu nunca fui, porque não me deixavam. Nunca aprendi a ler, nunca aprendi a dançar. Os meus padrinhos eram muito rigorosos nisso. Todas as raparigas iam. Eu ia só, às vezes, ver um bocadito, mas era de fugida. Só ver.

Mas depois a juventude começou-se a ir embora. Agora não há. Já há muitos anos que não fazem bailes cá.

Lugar A Mourísia de outros tempos

"Era muito difícil salvarem a pessoa"

Não tínhamos médico na aldeia. Tinha que ir a Arganil ou a Côja. Era longe e, naquele tempo, ninguém tinha cá carros nem nada. Iam a pé. Mas havia um barbeiro ali na Benfeita. Era o senhor José Augusto. Chamavam barbeiro, mas não sei o que é que ele era. Só ouvia dizer que era o barbeiro, que era o senhor Zé Augusto da Benfeita. Era o senhor que vinha cá de vez em quando. Quando alguém andava constipado, por exemplo, chamavam-no e ele vinha. Já nem me lembra se o homenzinho vinha a pé ou se tinha um cavalozito. Talvez tivesse, mas eu nem tenho a certeza. Lá receitava uns comprimidos e diziam que ele era muito entendido. Diz que faziam bem os medicamentos que ele receitava. E, às vezes, eu acho que o homenzinho até trazia. Já sabia. Se era para uma constipação e essas coisas, as pessoas não tinha carro para ir buscar e ele já trazia os comprimidos. Já deixava às pessoas.

Havia outro no Piódão, mas esse não tenho ideia de ele cá vir. Lá devia ir aos da freguesia que o conheciam. Para aqui era aquele senhor da Benfeita. Ele é que cá vinha sempre. Mas não sei como o chamavam. Antigamente, cá na terra, nem havia telefone nem nada. Só se fossem telefonar à Moura.

Era como as senhoras que estavam para dar à luz. Tinham os partos aqui em casa, assim como eu tive os meus filhos, e não havia assistência nenhuma. Ora, quando havia azar, que a senhora não conseguia fazer o parto por ela, se à última

da hora precisavam de chamá-lo, ainda tinham que ir a pé chamar o médico e vir com ele e tudo. Quando chegavam aqui, o que é que vinham fazer já? Bem, havia aí uma senhora que já estava habituada a assistir aos partos. Diziam que era uma parteira. Mas, mesmo assim, há alturas que não conseguem fazer nada. Bem, eu aqui não tenho ideia. Tenho lembrança de uma senhora que foi à última da hora para o hospital, mas, nessa altura, já tínhamos cá estrada, já havia telefone, já veio cá o médico e disse que era preciso ir para o hospital. Já vinham mais rápido. Mas, quando não havia estrada, não havia telefone, não havia nada, era muito difícil salvarem a pessoa.

De resto, tinham que andar com uns chás daquelas ervas que diziam que faziam bem aí até se curar. Eu lembro-me de um que me davam. Era muito mau. Custava muito a tomar e não ficava lá dentro. Tinha que o pôr logo fora. Ele amargava. Chamavam insope uma erva muito amarga. Hoje deve ter outro nome. A minha madrinha fazia-me beber à força eu bebia-o sem açúcar, sem doce nenhum. Acabava de o beber, fora logo. Mas ela dizia-me assim:

- "E bom é bebê-lo."

Mas só que lá vá dentro e torne a vir para fora já faz bem. E havia outro. Chamavam nardo. Diziam que era bom para a constipação, para as gripes. Hoje essas plantas têm outro nome.

Histórias que se ouviam contar

O meu padrinho falava muito do João Brandão. Mas já não sei contar como ele contava. Diz que era muito mau. Havia alguém que dizia que eles que até punham os machos a comer nas arcas do milho. E que arrancavam as torneiras aos pipos e punham o vinho a andar. Não sei se era assim. Não me recorda.

Lembro-me de ouvir falar nos mouros que faziam levadas e que havia ali uma buraca dos mouros do lado da Sorgaçosa, muito longe, aqui no fundo da lomba, em baixo. Isso tenho uma pequena lembrança. A história não sei. Só sei que era onde eles trabalhavam, onde eles exploravam ouro e a cera. Mas, uma vez, eu e as minhas colegas andávamos ao mato numa encosta e ainda fôramos lá ver se víamos a buraca dos mouros. Era muita distância. Pensávamos que a porta estava aberta, mas já estava tudo alagado.

"É a minha terra"

A Mourísia é que é a minha terra. Não foi cá que eu nasci, mas foi cá que eu fui criada. É a minha terra. Vá lá para onde for, quando chego aqui, aqui é que

a minha casa, é o sítio melhor para mim. É que a gente gosta sempre da nossa terra. Cada um, donde é criado, diz que é desejado.

Monsenhor António Pereira de Almeida

Eu conheci muito bem o Monsenhor António Pereira de Almeida. Ele era ali da Moura e trabalhava na Guarda, no seminário ou o que é. E vinha ali de vez em quando. Se não fosse ele, nós não tínhamos na Moura da Serra como nós temos. Ele é que trabalhou sempre para aquilo. Levou muitos anos, mas conseguiu. Todos lhe devem essa. Foi muito bom para nós. É muito melhor sermos dali que sermos de Pomares. Estamos mais perto. É pertinho. Então, Pomares era tão longe...

Avaliação "*Até acho bonito*"

Eu acho bom falarem com os mais velhos para saber como se vivia antigamente. Até acho bonito. Só penso que é bom para quem sabe falar, para quem estudou, que sabe usar as palavras certas. Agora, uma pessoa como eu não tem graça. Não tem graça, porque eu não aprendi a escrever, não aprendi a ler. Aprendi a falar como ouvia falar aos meus pais, aos meus familiares, aos meus vizinhos, colegas, com quem convivia. Falo de qualquer maneira. Não sei falar. É só isso é que eu não acho assim tão bem. A pessoa não sabe, mas depois vai aprendendo. Ouve aqui, ouve ali, toma a pronúncia e aprende as palavras. Quem sabe falar e sabe dizer as coisas, fica tudo assim bem, tem graça. Agora quem não sabe, como eu, não tem graça. Eu gostava de ser hoje, de saber e de poder fixar as coisas no meu pensamento como era quando era pequena.